



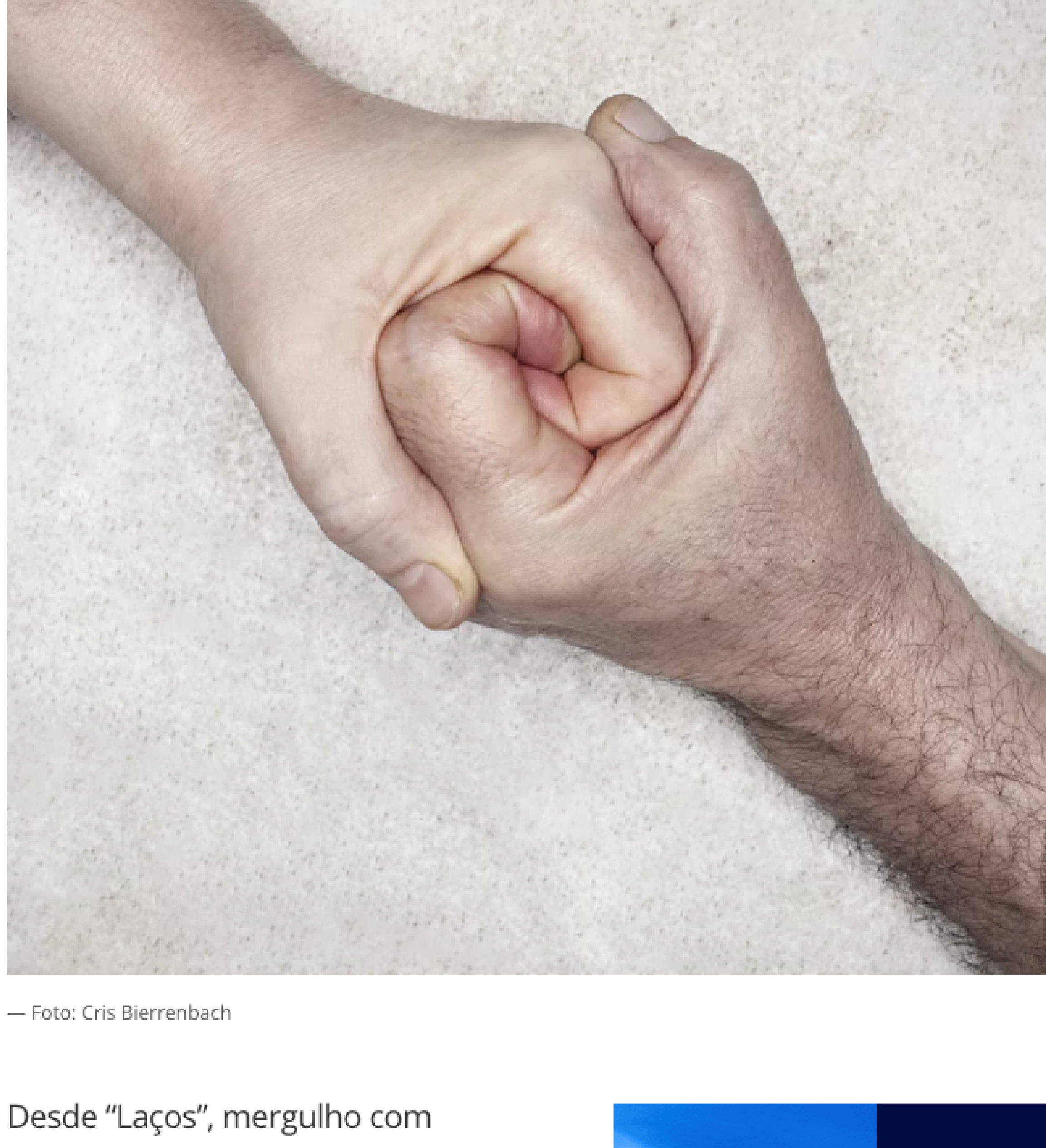
Por Tatiana Salem Levy

Tatiana Salem Levy é escritora, doutora em letras e roteirista. Publicou os romances “A Chave de Casa” (Prêmio São Paulo de Literatura), “Dois Rios” e “Paraíso”

# Tatiana Salem Levy: Domenico Starnone e a superfície do tempo

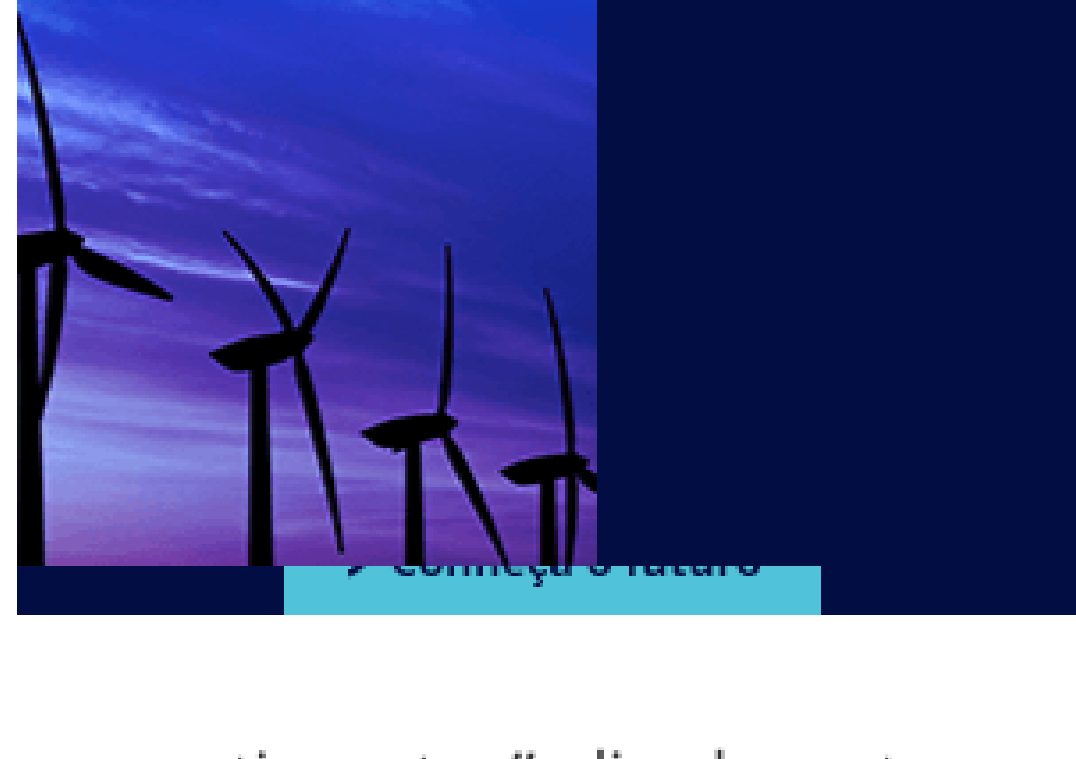
Desde “Laços”, mergulho com avidez em todo novo romance de Domenico Starnone. Daí a minha alegria com a recente publicação de “Segredos”

31/07/2020 05h00 · Atualizado há 5 horas



— Foto: Cris Bierrenbach

Desde “Laços”, mergulho com avidez em todo novo romance de Domenico Starnone. Daí a minha alegria com a recente publicação de “Segredos” (Todavía), narrativa que gira em torno de um tempo que se foi mas permanece, de uma paixão que reverbera por décadas na vida de Pietro, o narrador da primeira



parte do livro. “Amei até perder a cabeça e os sentimentos”, diz ele, antes de sentenciar: “De fato, o amor tal como o conheci é uma lava de vida bruta que queima a vida fina, uma erupção que anula a compreensão e a piedade, a razão e as razões, a geografia e a história, a saúde e a doença, a riqueza e a pobreza, a exceção e a regra.” Isso está logo na abertura do livro, e assim ficamos sabendo que quem fala é um homem ferido por uma paixão. E descobrimos que será quase impossível fechar o livro antes do fim. Starnone é bom nisso, em prender a nossa atenção, nos fazer desligar do mundo e ansiar pelas páginas seguintes.

Pietro, o protagonista, se apaixona por uma ex-aluna, Teresa, mulher exuberante, forte, decidida, sensual. Eles vivem uma relação conturbada, com “tensões que terminavam em insultos, choros e mordidas”. Amor e ódio, atração e repulsa, dois lados da mesma moeda. Não conseguem estar juntos, mas tampouco conseguem se separar, até o dia em que Teresa faz uma proposta inesperada: ela deveria lhe contar um segredo horrível seu, e ele, um equivalente, “uma coisa que, se fosse descoberta, te destruiria.” Promessa cumprida, eles agora não podem se deixar nunca. Promessa cumprida, eles agora se separam, depois de três anos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

**O tempo fez a gente evoluir e inovar.**



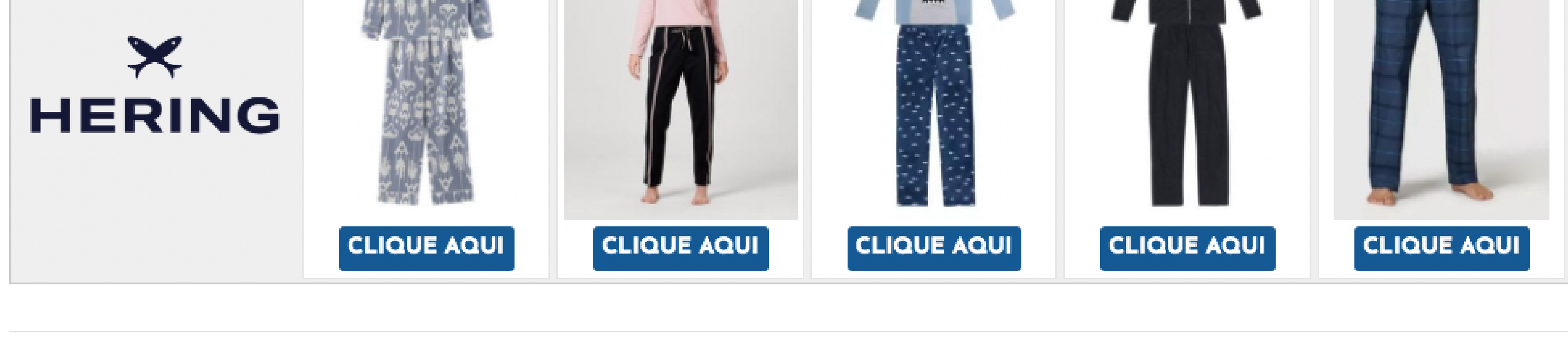
Pietro conhece então Nadia, que é o oposto de Teresa: esquivada, contida, gentil. E se apaixona por essa diferença. Pouco tempo depois, estão casados. Embora deem aula na mesma escola, ela tem ambições acadêmicas, enquanto ele deseja apenas ser um professor diferente dos que já teve. Mas é ela quem vê a carreira destruída por um assédio, enquanto ele vê um ensaio seu, escrito sem qualquer ambição, ganhar uma dimensão inesperada. E assim ele se torna relativamente conhecido, é convidado para escrever um livro que faz sucesso, passa anos viajando em palestras. Nadia, por sua vez, engravida três vezes e, além do trabalho fora, cuida da casa sozinha.

A vida corre, e corre bem, para Pietro. Mas também está parada, estagnada na bolha temporal criada pelas confidências trocadas. O segredo revelado a Teresa paralisa o tempo, faz com que o presente nunca mais seja possível sem o passado. E faz do passado uma bolha prestes a explodir a qualquer instante, destruindo o presente.

“A tensão superficial do tempo”, diria Cândido, personagem do novo romance de Cristovão Tezza, outro autor que gosto de ler sempre que publica um livro. E, tendo lido um depois do outro, tornou-se inevitável o diálogo. Afinal, os dois tratam dessas bolhas criadas pela paixão que fazem com que o tempo nunca mais seja linear. Nos dois, o protagonista é professor. No de Starnone, de letras; no de Tezza, de química. Ambos criticam o modelo escolar. Pietro, a falácia da escola pública igualitária que não trabalha com as diferenças originais de cada aluno; Cândido, o otimista num país que afunda cada dia mais um pouco, critica o ensino a distância, que - disse, ele ainda não sabia - tende a se expandir ainda mais depois da pandemia.

E os dois falam dessa tensão que Cândido define tão bem: “a tensão superficial do tempo age sobre o instante presente, que precisa romper-se para a irrupção do futuro, que incha do outro lado”; mantendo a tensão, o instante presente se estufa, “sempre resistindo a romper-se para não se tornar imediatamente ruína”. Feito uma criança que não quer crescer, Cândido não larga o passado. Afinal, o que é o luto senão essa vontade de paralisar o tempo para que nunca nos afastemos da pessoa que perdemos? E o que é esse mesmo luto senão o desejo de que o tempo passe voando, para nos afastarmos da dor? Um desejo, no fundo, de que o tempo seja sempre igual, uma coisa só, que a vida passe sem o tempo passar.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



O passado, no caso de Cândido, é Hélia, um amor à primeira vista, a química se misturando à poesia. Poucos anos juntos, muito sexo, e a súbita separação, que Cândido só consegue realizar quando a vida volta a ficar suspensa num quarto de motel, em Antônia no seu lado. Tudo por conta da encomenda de um filme, “Ascensor para o Cadafalso”, de Louis Malle. É que, além de professor de química, ele também pirateia filmes desde que sua mãe, cinéfila de mão cheia, começou a ficar surda.

São muitas as referências e alusões a filmes ao longo do romance, sobretudo nas conversas com a mãe que, ao contrário dele, não tem qualquer domínio da tecnologia. Mal consegue usar um controle remoto. Não sabe andar com o filme pra frente e pra trás - que é o que Cândido faz com a própria vida, num desejo de congelar a imagem perfeita, um rosto belo na tela, beijo romântico. Mas no cinema, ao contrário do que ocorre na fotografia, a imagem sempre passa. E, se você aperta o pause, uma hora desliga.

Outro ponto em comum entre esses dois romances: ambos exploram a subjetividade dos personagens. Tezza narra em terceira pessoa, mas aquela terceira pessoa que a gente conhece de “Filho Eterno”, que mais parece primeira, evocando a percepção de Kafka de que a literatura só é possível na passagem do eu ao ele. Na primeira parte do livro de Starnone, quem narra é o próprio Pietro, e ele vai fundo nos seus medos e desejos, revelando suas contradições, seus defeitos, que o tornam tão real.

Há ainda uma curiosidade. Achei interessante perceber como eles buscaram responder à demanda feminista. No livro de Tezza, tudo parece nos levar para uma transgressão amorosa entre professor e aluna, mas a trama envereda para outro lugar. No livro de Starnone, o professor só se relaciona com a aluna quando ela se torna ex-aluna. Além disso, Pietro fala abertamente da raiva de Nadia por ele sair para viajar tantas vezes e deixá-la sozinha com as crianças. O que antes seria natural, agora ao menos é questionado, evidenciando um desconforto legítimo.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



E por falar em mulher, tentei evitar, mas não consigo falar de “Segredos” sem evocar Elena Ferrante. “Laços” havia me feito pensar que as coincidências entre Starnone e Ferrante, com seu “Dias de Abandono”, eram muitas. Será que ele é ela?, pensei. Ou que ela é ele? Mas “Assombrações” havia me feito esquecer essa teoria, porque aqui a voz e o tema enveredam por outro rumo.

Agora, com “Segredos”, me pus a imaginar que são casados (Starnone é, de fato, casado com a tradutora que uma investigação jornalística aponta como sendo Ferrante) e fazem a brincadeira de narrar histórias que coincidem em alguns pontos, algumas questões, e que, por vezes, são o avesso uma da outra. Quem leu a tetralogia napolitana vai entender o que estou falando ao ler

“Segredos”. Há um tempo, um ambiente, profissões, relações amorosas e familiares que lembram os textos de Ferrante. Mas, verdade seja dita, isso não tem a menor importância. Trata-se apenas da elucubração fantasiosa de uma leitora apaixonada.

Por fim, uma última observação sobre as mulheres nesses dois romances. Em “A Tensão Superficial do Tempo”, o narrador - aquela primeira pessoa disfarçada de terceira - está sempre colada ao homem. A voz da mulher só ganha forma nos diálogos, obrigando o leitor a imaginar qual seria a versão de Hélia ou de Antônia. Em “Segredos”, ela aparece nas duas últimas partes, oferecendo um pouco do outro lado, mas mantendo igualmente certo e mistério no ar, porque na linguagem há sempre algo de inalcançável - e é em torno dele que a escrita gira.

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente**  
E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)